



CINEMA PARADISO

Boletim n. 303

São Paulo, 09 de dezembro de 2011.



Próxima Reunião: 18/12/2011 – Domingo às 15 h.

INQUIETOS (Restless)

Diretor: Gus Van Sant (*)

(*) Nasceu em Louisville, EUA, em 24/07/52. É diretor, roteirista e músico (tem uma banda e já lançou 2 discos). É um cineasta independente desde 1981. Diretor fora dos padrões hollywoodianos, destaca-se pela densidade e poesia de seus filmes, mesmo quando a temática é forte. Alguns de seus filmes: *Drugstore Cowboy* (1989), *Garotos de Programa* (1991), *Gênio Indomável* (1997), *Psicose* (refilmagem - 1998), *Encontrando Forrester* (2000), *Elefante* (2003), *Últimos Dias* (2005), *Paranoid Park* (2007), *Milk – A Voz da Igualdade* (2008).

A CONSTRUÇÃO DA MINHA UTOPIA

Recentemente, numa manhã de sábado, me organizei para um dos meus programas favoritos: ir ao Clube do Professor. Adoro as manhãs, adoro os sábados e ver filmes com professores é tudo de bom (público atento, silencioso, espectador exigente). Melhor ainda: é gratuito! O Clube do Professor é uma iniciativa de Patrícia Durães, pedagoga e sócia do Espaço Unibanco de Cinema. Criado há 10 anos, tem como objetivo oferecer filmes de estreia, de diversas cinematografias, sem preocupação com o uso educativo do filme. Ao contrário, a proposta visa ampliar livremente o repertório cinematográfico do professor, oferecendo sempre duas opções de filmes, distribuídas em 3 ou 4 salas, aos sábados às 11 h, no Frei Caneca Artplex. Caso o professor chegue atrasado ao cinema ou as salas estejam lotadas (porque lotam mesmo!), existe a opção de caminhar até o Unibanco Augusta e assistir gratuitamente (desde que tenha a carteirinha do clube) a um filme da sessão cineclube.

Como muitos de vocês sabem, estudo Cinema e Educação, particularmente formação de professores. Se, por um lado, me encanta ver as salas de cinema lotadas de professores aos sábados pela manhã, fico muito intrigada com a rejeição que essa categoria tem pelo cinema nacional. Se tal rejeição já era percebida pela minha própria atuação profissional, naquele sábado ela se tornou evidente. Havia duas opções de filmes: um deles, o meu escolhido – o documentário dirigido por Ana Maria Magalhães *Reidy – A Construção da Utopia*. A outra opção era *Refêns* (EUA, direção de Joel Schumacker, com Nicolas Cage e Nicole Kidman). Desculpem o preconceito e a sinceridade, mas não sairia de casa pra ver esse filme nem que me pagassem!

Na bilheteria havia dois guichês para atenderem ao farto público de professores. Uma senhora, à minha frente, disse à bilheteira: “quero ingresso para *Reidy*, já que nada sei sobre nenhum dos dois filmes”. A professora que estava tirando seu ingresso ao lado, alertou: “*Reidy* é brasileiro!”. E a outra: “ah, então, me dá para *Refêns*”. Inacreditável!!!!



Bem, adorei o documentário. Confesso que tenho imensa admiração pela diretora, a excelente atriz e pesquisadora Ana Maria Magalhães; mas nada sabia sobre o urbanista – nascido em Paris - Affonso Eduardo Reidy (1909-1964). Modernista, dos maiores do Brasil e do mundo, realizou projetos incríveis como o Conjunto Habitacional do Pedregulho, o Museu da Arte Moderna-RJ, o Aterro e Parque do Flamengo, entre outros. Minha manhã de sábado ficou mais ensolarada ao aprender tanto e de um jeito tão leve, por mérito não apenas da diretora, mas também da fotografia de Dib Lutfi e pela música original do maestro Luiz Cláudio Ramos (saí quase dançando do cinema). Há bons depoimentos que nos apresentam o urbanista, entre eles os de Carmen Portinho (sua esposa, engenheira e parceira em vários projetos), Lúcio Costa e Paulo Mendes da Rocha, quem, pra mim, trouxe à baila a linda função de um arquiteto-urbanista que é a de desejar e construir a utopia, projetando uma vida melhor para os habitantes de uma cidade (ah... os cidadãos... palavra da moda...). Creio que uma palavra que se tornou anacrônica é UTOPIA.

Ao acabar a sessão, no banheiro, professoras lamentavam a violência e tensão do filme *Refêns*. Eu falei: “puxa, eu, ao contrário, estou leve e feliz com o maravilhoso documentário – *Reidy* – que acabei de assistir”. Uma professora afirmou (quase orgulhosa): “eu não assisto cinema nacional!”. Minha vez: “que pena, não sabe o que perdeu!”.

Sai pensando qual seria a minha utopia. Acho que hoje um dos meus sonhos é fazer algo para que os professores acordem para o cinema brasileiro.

Cláudia Mogadouro

COTAÇÃO 2011

<i>Homens e Deuses</i>	9,72
<i>Tetro</i>	9,57
<i>Meia-Noite em Paris</i>	9,39
<i>Cópia Fiel</i>	9,26
<i>Um Conto Chinês</i>	9,25
<i>Lola</i>	9,12
<i>Lixo Extraordinário</i>	8,96
<i>O Homem ao Lado</i>	8,96
<i>Biutiful</i>	8,85
<i>A Pele que Habito</i>	8,80
<i>O Garoto da Bicicleta</i>	8,20

Edição / Diagramação:

Cláudia Mogadouro / Janete Felix Palma/ Marcos Paulino
E-mail: janetepalma@gmail.com

Após oito anos e meio, voltei a uma reunião do Cinema Paradiso. A mudança para Curitiba, o trabalho extenuante, desencontros de datas e as visitas sempre curtas e cheias de tarefas que fiz a São Paulo provocaram a longa ausência. Desta vez, tudo deu certo: um dia livre no domingo, filme assistido e a vontade incontrolável de debater o último Almodóvar.

Tive excelente impressão desta nova fase do grupo. Na verdade, foi uma das melhores reuniões de que participei na casa de Dona Elza, mesmo considerando que nos velhos tempos estive em mais de uma centena, várias memoráveis. Eram cerca de vinte pessoas, alguns rostos familiares e queridos, muitos até então desconhecidos para mim, o mesmo calor humano de sempre. O debate foi intenso, com atenção para o filme na maior parte do tempo. Fiquei agradavelmente surpreso com a infinidade de detalhes e referências apontados que, confesso, me haviam escapado. Tive a sensação de que havia pelos menos uns seis ou sete debatedores com a fantástica memória da Clara. Aos mais novos: esta é uma das mais admiráveis figuras da história do Cinema Paradiso, personalidade única, no mais forte sentido da palavra.

Apesar de, como me disse depois a Claudinha, ter falado pouco, em algum momento me empolguei e entrei na refrega. A dinâmica do debate me faz falta, até porque só a tenho regularmente na sala de aula, em que, como professor, tenho mais a obrigação de estimular os alunos a pensar e se expor do que confrontar as minhas ideias com as deles. Então, no calor da hora, lembrei-me de algumas vezes em que contestei e fui contestado nas reuniões do grupo, inúmeras vezes em minoria ou simplesmente sozinho contra todos, situação que ali nada tinha ou tem de humilhante ou opressora. Aliás, sempre admiro aqueles que se mantêm firmes não por teimosia, mas porque têm argumentos e convicção - o que não significa que naqueles tempos eu não tenha saído dos debates só para pensar em casa, na cama, no que outros disseram, repensando pontos de vista. Aliás, muitos de nós fazíamos isso.

A propósito, no dia seguinte ao da reunião, após o dia inteiro de atividades num encontro de pesquisadores de TV, corri ao Shopping Morumbi para rever o Almodóvar e checar observações que havia escutado no grupo. Confirmei mesmo. Como antes não percebi de onde Vera tirava os modelos para fazer aquelas cenas, com a personagem a olhar para ele e, ao lado, confeccionar uma figurinha parecida com a de uma ilustração. Além disso, revi com um prazer multiplicado trechos que já me haviam deliciado, como o esplendoroso zoom no rosto de Vera, que, como disse o Flávio, deixa pequeno o corpo do médico interpretado por Banderas.

Não vou aqui recapitular a reunião. Tentarei acrescentar alguns comentários a partir de minha segunda experiência diante do filme.

Qual é a primeira imagem que aparece? É um plano aberto de Toledo, inclusive com o nome da cidade sobrescrito para não deixar dúvidas. Por que a escolha? Tive a oportunidade de visitar Toledo em 2009. Fica a apenas uns 60 km de Madrid. É um local fascinante: cidade medieval, com uma gigantesca e inigualável catedral gótica. Mas não é só isso. Arrisco-me a dizer que Toledo, para sensibilidades ibéricas, corresponde à Transilvânia espanhola. Como me disse uma amiga, professora da UFMG e especialista em assuntos judaicos, Toledo é um lugar em que houve muita intolerância. Hoje, em meio àquelas ruas estreitas, tão belas quanto sinistras, o turista se depara com algo quase inacreditável: o Museu da Tortura. Há na porta um aviso para que pessoas sensíveis não entrem, e eu, ingenuamente, acreditei que esse aviso fosse um chamariz para curiosos. Talvez até seja, porém não é falso. Se o leitor, como eu até há dois anos, julga que sabe a que ponto pode chegar a tortura, sinto dizer, está

enganado. Os aparelhos e instrumentos que vi naquele museu superam tudo o que eu já tinha ouvido falar. Nem tentarei descrever - só vendo aquilo para entender e sentir uma náusea metafísica.

A história de Vicente/Vera se passa lá (com filmagens também na Galícia). É uma história de violência brutal e enlouquecida. Nada contra consentidas mudanças de sexo, entretanto, infligir isso a alguém beira o pior suplício medieval, talvez o da roda, que esfaçalhava os corpos, com a agravante de que, no filme, a dor não acaba, nem a morte chega.

Concordo com quem disse, na reunião, que Vicente era um mau caráter, um covarde, mas que não cometeu estupro. É somente por meio do duplo ponto de vista dos flashbacks que sabemos disso. Portanto, ele era mesmo inocente, como tantos que passaram pela Santa Inquisição.

Um momento notável ocorre após a filha do Dr. Robert começar a gritar e a morder furiosamente a mão de Vicente. Ele dá o tapa no rosto da moça, que perde os sentidos. Então vem o detalhe que muda o sentido da cena: antes de fugir, Vicente arruma o vestido dela exatamente com a mesma calma e delicadeza com que arrumara o manequim da loja. Esse é um dos pontos a marcar a sua identidade. Outro ocorre quando Vera disfarça diante da aproximação do doutor e, com um olhar de soslaio, pega um livro que finge ler, exatamente os mesmos gestos que Vicente fizera quando, acorrentado, pressente a aproximação do seu captor. Vicente é sempre o mesmo, seja qual for a situação ou a pele que tem sobre si.

Esse núcleo de identidade foi magnificamente abordado na reunião, e não vou repisar o assunto. Apenas retomo o que a Claudinha disse sobre a opressão que pessoas, como ela própria, experimentam em corporações que fazem o funcionário vestir a camisa. Eu mesmo, antes de mudar de vida, sobrevivi durante muito tempo a escutar música no fone de ouvido durante o horário de trabalho num banco. Bach foi minha ioga. Até que, ao receber minha primeira bolsa de estudos, pedi demissão, sem precisar matar ninguém. Ressalvo somente, na perspectiva que D. Elza expôs na reunião, que muita gente pode se sentir feliz e realizada nos

lugares que fazem os outros sofrer. Ainda bem, ou não teríamos gerentes maravilhosos a resolver nossos problemas com a contabilidade. Enfim, há quem se realize como executivo, advogado e até como médico. Brincadeira... mais uma, com nossa Mônica.

A propósito, penso que foi a Mônica que enunciou a ideia mais importante da reunião, ao menos de meu ponto de vista: Almodóvar tem uma missão, que executa filme após filme - mostrar que o mundo é mais complexo do que estamos acostumados a pensar que seja. Fiquei a pensar nisso durante dias, cada vez mais concordando com nossa querida doutora. Os filmes de Almodóvar, até onde enxergo, trazem sempre esse discurso vital sob as mais variadas formas. A sua particularidade é que o discurso é construído com tijolos do melodrama, da comédia fina ou escrachada e, agora, do horror.

Recordo-me que há poucos anos ouvi de um grande intelectual brasileiro, dos maiores mesmo, que os filmes de Almodóvar não são cinema. O tom de menosprezo era explícito e não admitia contestação. Eu sabia que essa estrela da academia universitária havia assistido a raríssimos filmes nos últimos 30 anos. Talvez por essa razão não se tenha apercebido de que o cinema mudou nessas três décadas.

Dei 9,0 ao filme. Hoje, por motivos bem fortes, alguns dos quais expostos ou sugeridos acima, concordo plenamente com a Ângela: *A Pele que Habito* se emparelha com os melhores de Almodóvar, o que, para mim, significa que é um dos grandes filmes da história do cinema. Por consequência, se pudesse mudar para 10.

E, mais do que nunca, senti vontade de voltar.

Renato Pucci

